

Histórias do confinamento nas crônicas cariocas

MARILENE ANTUNES SANT'ANNA*

O mundo da prisão desperta curiosidades. Desde o início do século XIX, quando as primeiras construções com seus muros altos e oficinas de trabalho foram lentamente aparecendo na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, o tema da prisão desencadeou debates políticos e publicações entre homens ligados à organização de seus estados e preocupados com o desenrolar da ordem social¹.

Todavia, o que acontecia por trás dos muros e das grades das celas também atraiu e continua a atrair relatos da literatura e da imprensa – dentre outros campos de circulação de idéias – que ajudaram a desvendar personagens, histórias e cenários desses lugares em que o silêncio e o isolamento tornaram-se exigências fundamentais para a sua própria existência. É através desses relatos que as prisões permanecem atuais diante do interesse de um público maior e possíveis de continuarem a ser desvendadas pelos historiadores. Fontes como notícias e colunas dos jornais e periódicos, crônicas, biografias, ajudam a refletir, dentre outros aspectos, sobre relações e estratégias de adaptação dos sujeitos históricos ou ainda sobre representações sociais elaboradas sobre crimes e criminosos nas respectivas sociedades.

No presente texto, apresentaremos crônicas sobre as Casas de Correção e Detenção do Rio de Janeiro escritas e publicadas durante as décadas iniciais do século XX, com vistas a discutir, de forma resumida, as impressões que tais autores elaboraram sobre os espaços internos dessas prisões e seus detentos.

Tais instituições, construídas em meados do oitocentos, estiveram limitadas desde o início pela ausência de um incentivo maior do Estado Imperial, mas mesmo assim transformaram-se nos principais locais de detenção da Corte brasileira. Nos dois

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História Social/ IFCS/UFRJ; professora da Universidade Gama Filho/RJ.

¹ Na ampla produção escrita sobre o movimento europeu que a partir do século XVIII promoveu uma reforma das formas de punição dos criminosos, nascendo daí as prisões modernas consideramos os seguintes trabalhos FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995; PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; para inserção dessas idéias na América Latina ver CAIMARI, Lila. *Apenas um delinquente. Crimen, castigo y cultura en La Argentina, 1880-1955*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004 e AGUIRRE, Carlos. *Cárcere e sociedade na América Latina, 1800-1940*. In: MAIA, Clarice Nunes. et.al. *História das prisões no Brasil*. RJ: Ed. Rocco, vol. 1, PP. 35-77

prédios, construídos quase de frente um para o outro, foram recolhidos homens sentenciados pela justiça à pena de prisão com trabalho (distribuídos em duzentas celas nos quatro andares da Correção), e também aqueles que esperavam por seus julgamentos ou já condenados a pena de prisão simples, de acordo com o Código criminal de 1830, enviados para a Casa de Detenção. Além desses grupos, homens e mulheres livres detidos por mendicância, vadiagem, desordens – dentre outros delitos que comprometiam o decorrer da ordem pública – e ainda escravos na prisão do Calabouço, africanos livres, menores, formaram uma união – por vezes instável – de pessoas e interesses que transformaram aquelas prisões em uma rede intensa de relações comerciais, sociais e culturais na cidade do Rio de Janeiro².

Com a chegada da República, onde o Estado não conseguiu nem atender as demandas dos diretores e dos juristas e médicos que pediam por investimentos nos estabelecimentos, ou a retirada para um lugar mais afastado do centro da cidade, a situação dos presos e do funcionamento das instituições piorou ainda mais. Jose Gabriel de Lemos Britto, advogado, professor de direito, por ocasião da escrita do seu livro *Sistemas penitenciários no Brasil*, publicado em 1925, encomendado pelo governo a partir das visitas que realizara nas penitenciárias e presídios de estados e territórios brasileiros, alertou para o crescimento da região do entorno da Casa de Correção e para o prejuízo que a falta de isolamento provocaria no projeto de regeneração dos presos em um correto regime penitenciário:

“O local, que era bom ao ser ela fundada há 90 anos, hoje em rua central da cidade, se torna inaceitável; o penado está em contato com o bulício urbano, ouve os autos, vê os bondes, escuta o sussurro das multidões e fica em ansiedade permanente. Os presos da detenção jogam-lhe bilhetes e objetos pelas grades de seus cubículos. Se os guardas forem bons, leval-os-ao ao diretor, do contrario, entreterão comércio com o preso, o que se da em todas as prisões onde não ha organização” (LEMOS BRITTO, 1925: 202)³.

Sob os títulos – “*Verdadeiro regime do terror*”, “*A prisão da Bastilha*”, “*Presos amotinados*”, “*Horrores do Cárcere*”, o *Jornal do Brasil*, assim como outros

² Sobre a Casa de Correção da Corte ver PESSOA, Gláucia Tomaz de Aquino. *Trabalho e resistência na penitenciária da Corte (1855-1876)*. Dissertação de Mestrado, UFF, 2000.; ARAUJO, Carlos Eduardo Moreira de. *Cárceres imperiais: A Casa de Correção do Rio de Janeiro: seus detentos e o sistema prisional do Império, 1830-1861*. Campinas: IFCH, Tese de Doutorado, 2009. SANT’ANNA, Marilene A. *A imaginação do castigo: discursos e práticas sobre a Casa de Correção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2010.

³ p. 202.

principais jornais da capital federal do Rio de Janeiro, acompanharam o desenrolar dos conflitos ocorridos por trás dos muitos muros e guaritas que as Casas de Correção e Detenção já tinham construído. Alguns dos relatos dos jornais transformaram-se em notícias da primeira página – principalmente aqueles referentes às revoltas coletivas – e eram portanto lidos e tratados por um grande público que habitava a cidade. Por outro lado, as visões sobre presos e prisões também ocupavam as páginas dos jornais através da escrita das crônicas produzidas em geral por jornalistas já conhecidos. Vamos acompanhar um pouco desses relatos.

1.1 – As crônicas do confinamento

Buscando uma linguagem objetiva, elaboradas em formato simples, pretendendo-se acessível a maiores parcelas de leitores e, em muitos casos, irreverentes e bem humoradas, as crônicas são fontes ricas para o entendimento da vida humana e, conseqüentemente, da integração das pessoas com fatos que compõem o seu processo histórico⁴. Pela sua amplitude de temas, as crônicas podem tratar de todos os assuntos, inclusive de realidades distantes ou ficções, mas, é importante colocar que a característica marcante dessa escrita é a aproximação com a vida turbulenta e diversificada das cidades. É, portanto, no cenário urbano e nas vivências cotidianas de seus habitantes, que encontramos as motivações dos cronistas e o reconhecimento obtido junto aos seus leitores. E o veículo que conduzia os autores ao seu público eram geralmente os jornais. Através deles, um pouco mais do mundo das prisões também foi descortinado aos habitantes do Rio de Janeiro.

Em geral, as crônicas que se debruçam sobre aspectos do confinamento não se demoram na descrição dos aspectos físicos desses ambientes, dando maior atenção a apresentação dos presos e ao comportamento que ali mantinham⁵. Mesmo assim, a aparência de tantas galerias, corredores e grades impressionava os autores que corriam

⁴ Sobre o gênero de crônicas ver CHALHOUN, S; NEVES, Margarida de S.; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.; e também NEVES, Margarida de Souza. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Antonio Candido [et.al] Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. Sobre a evolução desse gênero nos jornais brasileiros do século XIX ver MEYER, Marlyse. *Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica*. pp. 93- 133

⁵ Uma análise da escrita diferente dos jornais e dos folhetins sobre prisões no caso francês, ver Kalifa, Dominique. *Scènes de Prison*. In: *Crime et culture au XIX siècle*. Paris: Editions Perrin, 2005, pp. 157-175

logo no início do texto a contar as deformidades das instituições. João do Rio, num dos relatos mais conhecidos sobre a Casa de Detenção do início do século XX, intitulado “*Onde as vezes termina a rua*”, publicado no livro “*A Alma encantadora das ruas*” observa e se aproxima dos presos através dos corredores centrais:

“A galeria é um enorme corredor, ladeado de cubículos engradados. A má disposição de luz, com a claridade da frente e dos fundos e a claridade das prisões, dá a esse corredor uma perpétua atmosfera de meia sombra. Através dos muros brancos ouve-se o sussurro das conversas murmuradas. Barros aponta-me silenciosamente uma das jaulas. Aproximo-me e do fundo vejo surgir um velho preto, magro, seco, com o olhar ardente e a cabeça branca.” (JOÃO DO RIO, 1995:139)

Celas pequenas e escuras, má iluminação dos corredores, umidade, falta de ventilação, latrinas imundas, ausência de saneamento, são essas as características físicas das prisões que, recorrentemente também se tornam culpadas pelas degenerescências dos corpos e da personalidade dos detentos, como ainda podemos perceber no texto de João do Rio:

“Ah! Essa galeria! Tem qualquer coisa de sinistro e de canalha, um ar de hospedaria da infâmia à beira da vida. Nos cubículos há, às vezes, dezenove homens condenados por crimes diversos, desde os defloradores de senhoras de dezoito anos até os ladrões assassinos. A promiscuidade enoja. No espaço estreito, uns lavam o chão, outros jogam, outros manipulam, com miolo do pão, santos, flores e pedras de dominó, e há ainda os que escrevem planos de fuga, os professores de roubo, os iniciadores dos vícios, os íntimos passando pelos ombros dos amigos o braço caricioso ... quantos crimes se premeditam ali?(JOÃO DO RIO, 1995:145)

A descrição trata da galeria superior da Casa de Detenção que para o cronista era o pior espaço da prisão, onde existiam duzentos e trinta e oito homens, todos divididos e arrochados em pequenas celas onde trocavam carinhos e confabulavam entre si novos crimes e fugas. E quais as impressões que tais textos trazem dos presos?

As percepções sobre os presos variavam em função dos crimes que cometiam, se já eram presos conhecidos e até do tempo em que o visitante ficava a observar a rotina da prisão. Ernesto Senna foi um dos escritores que trouxe uma das visões mais brandas sobre o comportamento dos indivíduos presos. Visitando a Detenção ele resgatou as gírias e as atividades dos detentos. Estes produziam jornais como *A Thezoura Misteriosa*, *O Vagalume*, *O Imparcial*, além de fabricarem pequenas peças

de madeira, pintura, baralhos de cartas, cartões de víspera, jogo de damas, cujas pedras eram feitas de papel grosso, umas pintadas de azul e outras de branco, divertindo-se assim entre eles. Outros ofícios os presos também desempenhavam como acompanhamos na citação a seguir:

“Nos intervalos dos serviços e mesmo no próprio cubículo confeccionam os presos, como já dissemos, pequenas caixinhas de madeira e de papelão, muitas das quais artisticamente feitas, cômodas com gavetas e espelhos, curiosos trabalhos em osso e madeira, como canetas com interessantes labores, palitos, ponteiros e espartulas (?), pequenos navios de guerra à vela e a vapor, construídos com todas as regras e minudencias da construção naval, trabalhos de cerâmica; outros dedicam-se á pintura a tinta e a óleo, executando trabalhos verdadeiramente curiosos.”(SENNA, Ernesto, 1907:35)

Confeccionam também instrumentos a partir de colheres, pregos, navalhas, que são usados, segundo o cronista, para fazer a barba, além de cortar, furar, raspar madeira, fazer palitos, aparar lápis dentre inúmeras atribuições. Dedicam-se ainda a leitura de pequenos romances; fazem suas orações, tatuam seus corpos. Trabalham em pequenas atividades fora de suas celas, como cozinheiros, ajudantes de cozinha, varredores, lavadores de roupa, carpinteiros, fabricantes de ladrilho, etc. Enfim, ao longo do livro vai sendo construída uma percepção do preso como sofredor, infeliz, mas ao mesmo tempo criativo, inteligente e adaptado ao regime da prisão.

Em alguns relatos, o indivíduo se modifica depois que passa pelos portões da prisão. Antes de ser condenado, aquele que cometia um crime era geralmente apontado e descrito como um criminoso perigoso, delinqüente, não cumpridor do ‘contrato social’ em torno da ordem e das regras sociais e, portanto, merecedor de todas as punições possíveis. Depois que passa a viver no universo prisional, tal imagem parece mudar radicalmente. Aparece mais o sofrimento do indivíduo.

“O criminoso é um homem como outro qualquer. No primeiro momento, sob o pavor dos grandes muros de pedra, com um guarda que nos mostra os indivíduos como se mostrasse as feras de um domador, a impressão é esmagadora. Vê-se o crime, a ação tremenda ou infame; não se vê o homem sem o movimento anormal, que pôs à margem da vida. Quando a gente se habitua a vê-los e a falar-lhes todo o dia, o terror desaparece. Há sempre dois homens em cada detento – o que cometeu o crime e o atual, o preso. Os atuais são perfeitamente humanos”. (JOÃO DO RIO, 1995:153)

A citação traz também um pouco da dúvida do cronista. Todo detento é inocente ou culpado? Indivíduos frios ou influenciados pelas condições do ambiente? João do Rio na citação acima utiliza o tempo para conhecer as histórias de alguns presos e mudar sua opinião. De feras que viviam em jaulas, os presos se transformam pela prisão em humanos, concluindo o autor que o criminoso “*é um homem como outro qualquer*”, também dividido em seus múltiplos dilemas.

Há outro grupo de presos que João do Rio também tratou de apresentar em suas crônicas, quase de forma exclusiva, que foi o de mulheres aprisionadas. As mulheres, como indicam também as notícias dos principais jornais, viam-se na maioria dos casos na condição de mendigas, vadias, prostitutas, envolvidas em casos de agressões com a polícia e outros corpos de autoridade na cidade. Em menor grau também praticavam crimes de infanticídio, envenenamento, homicídio, furto, dentre outros, vendo-se às voltas com os tribunais e a prisão visitada por João do Rio.

No olhar desse cronista, as mulheres tornam-se personagens principais. Choram por seus maridos, amantes, filhos nas grades das celas; são os motivos dos crimes cometidos por amor; são missionárias protestantes ou irmãs de caridade que tentam agir em auxílio dos presos; mas principalmente ocupam uma galeria “*dividida por três salas, uma das quais é a enfermaria*” porque também cometeram crimes, sendo, portanto, passíveis de ação. Como, por exemplo, a Herculana, “*negra roliça, de dentes afiados, com um sorriso alvar a iluminar-lhe a cara*” que matara o amante com a faca enquanto ele dormia, acendera todas as velas que encontrara na casa e começara a cantar. Ou ainda como Olívia, 15 anos, “*pequena, feia, magra, olheirenta, espapaçada na cama como uma das múmias americanas que o Museu guarda na sua seção de etnografia*”, condenada por que matou seu filho ao nascer⁶.

Outra questão ainda relacionada com as representações construídas sobre os presos, resgata um dos pressupostos da criação das prisões modernas: a regeneração dos presos. É possível se aprender alguma coisa no aprisionamento? Podem homens e mulheres por intermédio da reclusão prisional se arrepender de seus atos? Algum dos relatos pesquisados acredita na reintegração do detento à sociedade?

⁶ Capítulo As mulheres detentas, p. 167.

Mesmo com certa piedade dos presos, João do Rio e demais cronistas não acreditam na regeneração dos presos. Em seu livro intitulado *Memórias de um rato de hotel* escrito por ele com a função de narrar a história de uma figura real do crime do Rio de Janeiro que foi Artur Antunes Maciel, comumente reconhecido como famoso “*Dr. Antonio*”, o escritor coloca na fala do próprio preso a descrença no arrependimento dos indivíduos criminosos. O preso é dissimulado quando tenta mostrar inocência e a passagem pela prisão não promove sua recuperação, ao contrário, aumenta seu interesse por crimes, dado que a própria penitenciária por vezes é conhecida como “*a escola do crime*”.

“Entrando em contato com outros detentos, mesmo que tenha uma fraca vocação, está para sempre perdido. Não acredito nos regenerados. O regenerado é sempre uma burla – porque a moléstia irrompe quando menos se pensa ... Porque os criminosos têm duas faces, a que apresentam ao público e a que apresentam aos companheiros e colegas de crime. Ambas infelizmente são mentirosas. Para o público só há uma preocupação: mostrar inocência. Para os colegas só há um desejo: mostrar uma grande habilidade e uma grande sorte cínica”⁷

Outro famoso jornalista, Orestes Barbosa, filho de um major reformado da polícia e de uma dona de casa de tradicional família militar, preso na Casa de Detenção por duas vezes por acusações de calúnia publicadas em suas colunas, escreve assim dos presos:

“Os criminosos vivem numa ânsia de ódio, de negócio e de saudade. Tem os sentidos apuradíssimos. Andam em dia com a vida alheia e a correspondência vai de grade em grade, aparentando muita solidariedade entre eles. Entretanto, são todos inimigos – invejosos, despeitados, falando mal do diretor, dos funcionários da casa, da comida, dos juízes, do mundo ... observei que são todos inocentes: ninguém falsificou cheques, ninguém arrombou cofres, ninguém fabricou dinheiros, ninguém estuprou, ninguém matou. Sondando essas almas desventuradas no primeira dia de prisão, julguei-me ‘um monstro’ entre tantas criaturas celestiais”⁸

Por fim, uma história das prisões também habilita o historiador a pensar questões que aconteciam em torno do controle da ordem e dos grupos da cidade. Dessa forma, é possível percebemos nas crônicas algumas críticas a recém República instalada em 1889.

⁷ Maciel, op. Cit, p. 169-170

⁸ Idem, p. 14

O escritor Olavo Bilac, em uma crônica de 21 de dezembro de 1904, pedindo desculpas aos leitores por tratar da Casa de Detenção a apenas quatro dias do Natal, época de “*ingênua poesia e risonho encanto*”, comenta da recorrência de fatos desastrosos que estavam acontecendo naquela instituição. A imprensa chamava o acontecido de “Escândalo da Detenção”, em virtude das péssimas condições e dos maus tratos aplicados aos presos. Segundo Bilac:

“Tudo quanto foi agora revelado: os presos, como uma vara de porcos, metidos numa ignóbil pocilga, cevados com toucinho podre e batatas bichadas; homens metidos em solitárias medonhas; sessenta mulheres, seminuas e cobertas de vermina, num calabouço de oito metros quadrados; tudo horrorizaria e estremeceria às próprias pedras, se neste país as próprias pedras já não estivessem habituadas ...”⁹

A citação a seguir é um exemplo da ironia do autor diante de um problema tão sério, mas principalmente é uma crítica que emociona pela compreensão que o autor demonstrou em relação aos problemas do sistema ou como ele próprio denomina, do “aparelho penitenciário”.

“Que vai fazer agora o governo? Vai demitir o administrador da Casa de Detenção? Daqui a pouco tempo será obrigado a demitir o cidadão que o substituir, e as cousas continuarão no mesmo pé, – porque a causa dos abusos não reside na incapacidade de um funcionário, mas num vício essencial do sistema, num defeito orgânico do aparelho penitenciário. E não há de ser a demissão de um administrador que há de consertar o que já nasceu torto e quebrado”¹⁰.

Segundo Dominique Kalifa tais representações da prisão se fundamentavam principalmente em uma visão do modelo do romantismo do século XIX, onde a literatura de Eugène Sue, Alexandre Dumas, Victor Hugo, construiu a prisão como um sepulcro onde a morte parecia ser a opção mais tranqüila perante a degradação do ambiente da prisão. Ou ainda, como um lugar de purgatório ou inferno onde o criminoso pagaria por seus pecados ou suas faltas morais. Além disso, ainda segundo o autor, há uma inspiração cristã no olhar para a prisão que permanece mesmo nos séculos modernos. Penitência, silêncio, arrependimento são valores que parecem acompanhar os relatos das prisões desde o início dos tempos ¹¹.

⁹ Idem, volume 1, P. 518

¹⁰ Bilac, Olavo. Op. Cit. P. 518

¹¹ KALIFA, D. op. Cit, p. 170-171

Porém, como o próprio Kalifa também adverte, os leitores se viam às vezes saturados das representações mais românticas da prisão. A partir do final do XIX queriam conhecer mais dos mistérios e sensacionalismos que cercavam tais instituições. Histórias de presos com ingredientes de ciúme, amor, fatos mirabolantes atraíram cada vez mais a leitura das pessoas.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. *Cárceres imperiais: A Casa de Correção do Rio de Janeiro: seus detentos e o sistema prisional do Império, 1830-1861*. Campinas: IFCH, Tese de Doutorado, 2009.

BARBOSA, Orestes. *Na prisão*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Comércio, 1922.

_____. *Bambambã*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Mun. de Cultura, 1993

BRETAS, Marcos Luiz. What the Eyes can't see: stories from Rio de Janeiro's Prisons. In: *The Birth of the penitentiary in latin america: Essays on Criminology, Prison Reform, and Social Control, 1830-1940*. EUA: University of Texas Press and Institute of Latin American Studies, 1996. Pp. 101-122.

BRITTO, José Gabriel de Lemos. *Os sistemas penitenciários do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925.

CAIMARI, Lila. *Apenas un delinciente: crimen, castigo y cultura en la Argentina, 1880-1955*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

DIDIER, Carlos. *Orestes Barbosa: repórter, cronista e poeta*. RJ: Agir, 2005.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o Jornalista: Crônicas, volume I*. SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Ed. da USP, Ed. da UNICAMP, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KALIFA, Dominique. *L'encre et le sang. Récits de crimes et société à la Belle Époque*. France: Fayard, 1995.

_____. *Crime et culture au XIX siècle*. Paris: Editions Perrin, 2005.

MACIEL, Arthur Antunes, 1865-1912. *Memórias de um rato de hotel de Dr. Antônio*. Rio de Janeiro: Dantes, 2000.

MAIA, Clarissa N.; SÁ NETO, Flávio; COSTA, Marcos; BRETAS, Marcos. *História das prisões no Brasil*. RJ: Editora Rocco, 2009. Volumes 1 e 2.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

PESSOA, Gláucia Tomaz de Aquino. *Trabalho e resistência na penitenciária da Corte (1855-1876)*. Dissertação de Mestrado, UFF, 2000.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1995.

SALLA, Fernando. *As prisões em São Paulo*. São Paulo: Editora Annablume, 1999.

SALVATORE, Ricardo D. e AGUIRRE, Carlos. The Birth of the Penitentiary in Latin America: Toward an Interpretive Social History of Prisons. In: *The Birth of the penitentiary in latin america: Essays on Criminology, Prison Reform, and Social Control, 1830-1940*. EUA: University of Texas Press and Institute of Latin American Studies, 1996. Pp. 1-43.

SANT'ANNA, Marilene Antunes. *A A imaginação do castigo: discursos e práticas sobre a Casa de Correção do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2010.

SENNA, Ernesto. *Através do Cárcere (Casa de detenção)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

_____. *Notas de um repórter*. RJ: Typographia do Jornal do Comércio, 1895.